



MODO DE CARREGAR O CAMELLO ARABE.

O CAMELLO é uma dádiva de grão preço, que Deus liberalisou ao homem nos climas orientaes, onde faz serviços mais vantajosos que outro qualquer animal domestico: de tempo immemorial o amansaram, como consta dos livros santos. Manso e sagaz como o elephante, docil e meneavel como o cavallo, mais forte que o boi, e mais seguro no passo que as outras bêstas, constitue não poucas vezes toda a riqueza de uma familia arabe: dá leite em abundancia como a vacca e de boa qualidade: a carne quando novo é tenra como a de vitella: tem pello ou laã superior ás melhores de carneiro ou cabra: e afóra tudo isto é dotado da extraordinaria propriedade de jejuar uma semana inteira sem ao menos beber, caminhando por desertos e charneças com sete ou oito quintaes de carga e um homem sobre o costado. Os ermos estereis da Arabia, os tismados areaes da Africa seriam totalmente impraticaveis, e muitos paizes do oriente privados de communicacão, se o Creador não houvera providenciado dando-lhe fartura de camellos e dromedarios, de tão maravilhosa estructura, adaptada a essas regiões: não é o piso d'areia solta para animaes de casco e unha: por isso o pé do camello é revestido de uma pelle grossa, callosa e flexivel, que lhe facilita andar desembaraçado pelos arciaes movediços e do mesmo modo por trilhos escabrosos. — Paciente ajoelha ao mandado de seu dono, e levanta contente a carga que hade conduzir durante cem a duzentas leguas sem necessidade de latego ou aci-

cate; e quando a fadiga lhe desalenta o passo, basta uma cantarola alegre do arabe que o guia para reanima-lo até o termo da jornada, e ahi torna a dobrar os joelhos para que o alliviem do peso que trouxera: recebe por unico alimento um troço de torta de cevada, e quando este escacéa sem elle passa e sem beber oito até dez dias. — Afóra os quatro estomagos que tem todos os ruminantes, o camello possui um ventriculo espaçoso, que lhe serve de cisterna para guardar a agua que ha mister no trajecto pelos desertos; e quando precisa de alguma humidade para macerar o diminuto alimento, que lhe ministram, contrahe os musculos que rodeiam esse deposito d'agua, e despeja no estomago da digestão a quantidade necessaria: tem vida dilatada e pouco sujeita a enfermidades. Aquella agua, assim reservada, não se corrompe com o calor vital, nem se mistura com algum dos succos do corpo do animal, conservando-se pura, doce, e salubre. Nesta disposiçãõ organica, bem como em todos os phenomenos naturaes, admirará o contemplador os profundissimos designios da providente Omnipotencia de Deus, que assim regrou todas as cousas adequadamente aos fins para que as creára e aos logares em que as collocou.

Ha duas especies de camellos: — uma que tem só uma gibba ou corcova, como o que na gravura antecedente está figurado, e esse é o verdadeiro camello arabe, a que vulgarmente chamam dromedario: — outra tem duas gibbas no lombo, e lhe

chamam camello bactriano. Os asiaticos e africanos appellidam geralmente dromedarios a todos os camellos destinados para montar, sem distincção de especie mas só da maneira de os crear. Póde fazer-se a seguinte comparação: os de carga empregados nas caravanas servem como os nossos cavallos pesados de tiro, e os dromedarios como os cavallos de posta ou de caça. Um correio ou dromedario faz por dia mais caminho que o camello de carga: as jornadas das caravanas regulam a seis leguas, e as de um postilhão são de quinze a vinte; sem embargo ha alguns camellos d'extraordinaria ligeireza. Um mancebo de Susa andava namorado de uma dama caprichosa, que era muito apaixonada de laranjas; pediu ella ao amante que lhe trouxesse algumas de Marrocos, distante dalli 25 leguas, e onde se criam as melhores de Africa; o galan montou o seu camello ao despontar a aurora, foi em busca das fructas cobiçadas, e por noite teve a satisfação de presentear com ellas a linda moura.

Quanto ao modo de adestrar os camellos para se baixarem a receber carga e erguerem-se com ella, Mr. Brue affirma que ao camello recém-nascido os mouros atam logo os pés por baixo da barriga, lançam-lhe um pano sobre o lombo e o carregam com pedras para assim acostumar-se: pelo que respeita ao peso com que podem os camellos, concordam os viajantes que é de seis a oito quintaes.

O alimento destes animaes é como dissemos pouco dispendioso: uma torta de farinha de cevada, um punhado de dátiles [tamaras] ou de favas basta para manter um camello todo o dia; alem de que nos campos costumam pastar carças e abrolhos; não havendo matto que rejeitem. Teem dois dentes incisivos mui fortes na queixada superior, e entre os seis molares da mesma ha um de forma torcida que póde considerar-se como preza ou colmilho; na queixada inferior teem outros dois dentes incisivos e os molares pontagudos e encurvados: deste modo são armados de um rijo apparelho para cortar, despedaçar e mastigar qualquer substancia vegetal por forte que seja, ao mesmo tempo que é appropriado para pasceer a relva e comer os talos mais delicados das plantas, porque tendo o beijo superior rachado podem agarrar como se fosse com tenazes os rebentões das arvores e leva-los á bóca com a maior facilidade: — n'uma palavra, tanto ao camello se dá de achar feno macio, como silvas e carças, tudo come bem, e de tudo fica satisfeito.

BEM QUERER E MAL FAZER.

(Memorias insulanas.)

== 1531 ==

[Conclusão.]

Mal fazer!

Não se ganham trutas.

A's barbas enchutas.

Rifão.

Era pela volta da meia noite. Dormia quasi tudo nas casas de Micer Estevam Esmeraldo, o marido de D. Agueda, que lá pelo reino se andava, e sómente as atalayas vigiavam cuidadosas, que muito se arrecciavam do que poderia acontecer, e tinham de vellar por uma luzida companhia. A habitação

do genovez dera por uma noite gasalhado ao ouvidor e justiça da capitania, com suas guardas e officiaes, e á illustre viuva com seus servos e escudeiros.

Fôra o caso que D. Isabel, apesar de mui comovida pelos excessos de seu primo, querendo sobretudo salvar sua fama, e desejando guardar-se fiel a seu marido defunto, apenas víra o ouvidor, a elle e a sua irmã se entregára, dizendo que daquella habitação a levassem; e assim foi feito sem que Antonio da Camara o impedisse; tanto o furor de se ver desta arte de novo zombado o deixára petrificado. — Aquella sua moderação porem não era mais que uma pausa de tormenta, que devia renovar-se mais furiosa.

Bem quizera D. Isabel ir pernoitar na capitania, que só alli se julgava segura; mas por não caminharem de noite, arriscando-se assim a serem mais facilmente sorprendidos pelo infatigavel e furioso cavalleiro, força lhes foi ficarem nas casas de sua irmã, tambem como as outras aparelhadas para qualquer inesperado ataque.

Era pelas horas que dissemos, e as atalayas vigiavam bem alerta. Repousavam todos nas casas, e a natureza, placidamente dormida, apenas se sentia resfolgar nos suspirosos rumores da noite. Subitamente sussurro longiquo, mas que se approximava gradualmente, feriu a attenção das atalayas. Em pouco, todos os que vestiam armas, se achavam prestes; e era tempo, que ás portas lhes batia já Antonio da Camara, com féra companhia de seus servidores e amigos, com muita e mui guerreira gente da Ribeira-brava, Ponta do Sol e Calheta, entrando nisto bom numero de fidalgos e cavalleiros, bem vistos em guerras, trazendo todos copia de mantimentos, e dois falcões pedreiros; como que se destinava a tomar exemplar vingança, derribando e arrasando quanto lhes fizesse obstaculo.

Despertára com todos a perseguida senhora, que nem por perseguida era menos amada, e em quanto sua irmã maldizia o causador de tantas inquietações e tantos males, como os que de certo iam haver, encaminhava-se ella ao logar mais elevado das casas para que podesse presenciar, e porventura remediar, o que nem todos os lamentos ou pragas remediariam. Não a movia odio contra seu primo, que já ella lhe avaliára a alma grande, e a si mesma se achava culpada, pagando sua generosidade com tanta ingratição, movia-a o desejo de evitar sangue e ruina.

Quando ella chegou ao alto já o combate principiára. Retiniam as armas insoffridas. Praguejavam horrendamente os combatentes, vozeavam e ameaçavam. Era uma vista do inferno. No meio da grita medonha e do tremendo revolver, arremessar e faiscar das armas, troavam os dois falcões vomitando chammias e fumo, e levando o estrago ás abaladas paredes da casa. D. Isabel prostrou-se de joelhos na presença desta scena espantosa. Elevou-se mentalmente a Deus, e arguiu-se a si mesma do que via e ouvia. Tremeu pela primeira vez e ficou, sublime naquelle momento, assim collocada acima das destruições, que já não valia a evitar, orando como anjo de paz no seio dos furores da tempestade. No mais ardente da peleja viu-se um cavalleiro tomar uma hacha antiga das mãos de um peão, encaminhar-se á porta principal e amiudar os golpes, apesar dos pelouros e garruchas que sobre elle choviam; com braço tão valente que a porta em breve, estalando e saltando de seus gonzos, abriu franca

entrada. Nada parou na frente do temerario pelejador. A espada substituíra a hacha, e por onde a espada passava abria-se diante delle amplo caminho. Chamar-lhe-hicis voluntariamente um como anjo exterminador. Correu assim todas as casas e por fim desapareceu á maior parte das vistas.

Entrevira D. Isabel o acontecido, mas tão rapido se passára que ainda ella orava, e ainda cogitava em quem fosse o arrojado combatente, quando este lhe appareceu ao lado com a espada ensanguentada na mão, todo o aspecto, os olhos e a fronte inflammados de guerreiro ardor. Não era o nocturno e insensato galan; não era o amante, ora quebrantado, ora furioso: era victorioso campeão em lide perigosa; era a melhor flôr dos cavalleiros insulanos; era um homem, quasi um heroe; era Antonio da Camara. Ao ver a linda viuva prostrada, com os olhos humidos e o coração nos labios, debaixo daquelle puro e recamado céu, em tão pias e melancolicas horas, ao vê-la superior ao crú espectáculo que lhe elle viera dar, sentiu cahir-lhe todo o furor, esqueceu tudo e só viu que felicidade haveria no mundo para quem possuísse tão encantadora creatura de Deus. — Tomou a espada vencedora foi depô-la aos pés da nobre viuva, e com branda e resignada voz, que ninguem esperaria de tão rude guerreiro, assim lhe fallou, um tanto queixoso.

«Ei-la, senhora — esta que a todos fez dobrar, ei-la que só perante vós se dobra. Anciava por achar-vos... Corritudo... achei-vos em fim. Assim pagais, formosa prima, quanto por vosso respeito se faz. Dizei-me tambem agora, D. Isabel, quem julgais vós que possa melhor merecer de Deus e dos homens, dos que dormem para sempre nas suas armaduras de ferro, ou dos que vellam nos caminhos da vida; quem, a que por cégo caprixo cercêa tantas existencias, ou a que apenas com uma palavra sua dá paz e socego a quem socego e paz só por ella arrisca e barateia — dizei-o? Vêdes, senhora, até aqui não passou de estrondo e roncarias de longe; o verdadeiro combate vai agora principiar. — Alli nesse terreiro se disputará a entrada. Vêdes, já começam a involucrar-se. Embatem-se como ondas fervendo, topam-se, malham, derrubam, cahem, blasphemam... É tempo, é tempo ainda... «Atalhai-os... Deus do céu... atalhai-os... tomai em troca a minha vida.

«A vossa vida...?»

«A minha mão...»

«Enganais-me como até aqui?...»

«Não, não... este momento é decisivo e solemne... Por minha mãe e meu pai... pelas cinzas de meu marido... por esta hora e pelo céu...»

«Basta...»

«Ide... Meu Deus guiai-o!...»

Antonio da Camara tinha já desaparecido.

Ninguem se lhe oppoz, que todos estavam empenhados em renhido conflicto disputando a entrada. Chegado ao meio dos combatentes a sua presença dissipou tudo com gesto auctorizado, abriu caminho por entre uns e outros... Seguiu-o anciosa com as vistas D. Isabel lá do seu terrado. O que elle disse não ouviu ella, mas derramou a alma em sineceras graças quando viu o combate cessar e abraçarem-se todos em boa amizade. — Nunca tamanho pesar a opprimira!

incorrigivel Fernão, celebrava, reunido com seus camaradas, o feliz consorcio de sua ama a muito nobre e poderosa senhora D. Isabel de Abreu, com o muito alto e muito honrado cavalleiro, Antonio Gonçalves da Camara.

«À saúde de nosso amo novo. — dizia elle empinando um venerando cangirão que de mão em mão corria — «E de quem [acrescentava com certo sorriso de vaidade] e de quem sempre disse que nisto viriam a parar todos aquelles dares e tomares.» «Bofé — continuou depois de breve pausa, passando para diante o cangirão e levando a mão á face aonde lhe ficára duradoura memoria de um bom jilvaz, que um escudeiro da Lombada da serra d'Agua lhe pregára no ataque das casas do genovez — bofé que sempre me lembrarei daquelle certa noite...»

«Esse não tinheis vós previsto, Sr. Fernão.» — Observou d'alli maliciosamente um dos companheiros.

«Se não previ isso, posso ainda prever que tendes todos os merecimentos, Sr. chocarreiro, para serdes pendurado d'um sovereiro, exactamente como o cacho pende da parreira.»

Uma gargalhada geral respondeu ao violento sarcasmo do escudeiro, que ficou rôxo de vinho e de cholera, e que apesar de tudo se conservou sempre, sem emenda, dando novas e calculando probabilidades.

A cada qual sua sina!

[Silva Leal — Junior.]

O ARCO DE BARA.

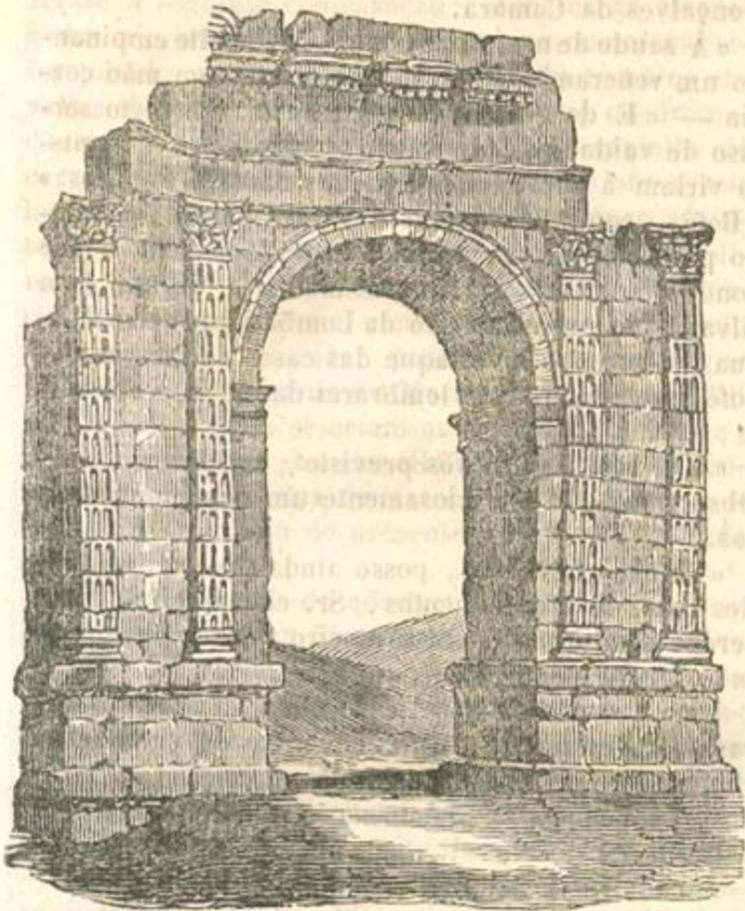
Na estrada que vai de Barcelona a Tarragona, a tres leguas de distancia desta ultima, acha-se o arco de Bara, fragmento dos muitos monumentos que a dominação romana erigiu naquella parte d'Hespanha, sendo talvez a comarca tarragonense onde o povo rei ostentou mais a sua magnificencia e poder, não só por ter encontrado fidelidade e afeição nos habitantes, como porque foi essa a principal porta de sua entrada nas Hespanhas, e o anel central da vasta cadeia que unia Roma com a nossa peninsula.

Não obstante a muita deterioração que no arco de Bara causaram os ultrajes do tempo e dos homens, pôde affirmar-se que é digno de attenção, por sua formosura, simplicidade e boas proporções: — tão pouco tem sido o cuidado em o conservar que a parte, que diz para o nascente e costa maritima, está quasi inteiramente arruinada, desapareceu toda uma columna e do mesmo modo grande porção da imposta em todo o arco: a inscripção já em tempo do celebre antiquario D. Antonio Augustin estava tão apagada que mal se podia ler; os capiteis das columnas quasi que se não distinguia a que ordem pertenciam.

A obra é toda de cantaria; tem em cada frente sobre o seu socco quatro columnas da ordem corinthia, duas a cada lado do arco: na cornija lia-se uma inscripção que [segundo a interpreta o P.^o Flores, no tom. 23.^o da *Esp. sagrada*] dizia — *ter sido consagrado por testamento de Lucio Licinio Sura, filho de Lucio da tribu Sergia.* Este Sura foi tres vezes consul em tempo de Trajano durante os annos 102, 104, 107; pelo que o monumento conta obra de dezete seculos d'existencia. Nada se tem alcançado ao certo sobre o motivo da sua erec-

Alguns mezes depois o nosso antigo conhecido, o

ção, não passando de conjecturas mal fundadas quanto a semelhante respeito se tem dito; igualmente é ignorada a etymologia do nome de Bara.



ARCO DE BARA.

Os máus, como os bons, tem sempre por fim o seu maior bem: mas os primeiros esperam consegui-lo mais brevemente com damno dos outros; os segundos com segurança e sem risco, zelando e promovendo o bem de todos.

NECROLOGIA.



UMA GRANDE VIRTUDE.

QUANDO a intelligencia e a perseverança; estes dois instrumentos das maiores e mais formosas obras humanas, meneados pelo individuo que em gráu eminente os possui, produzem o famoso capitão, o legislador illustre, ou o grande homem da arte ou da sciencia, e quando esse individuo depois de preencher a sua missão singular na terra vai repousar das lidas humanas no lugar onde só ha paz e descanso — as soledades do sepulchro; a historia regista-lhe o nome nas suas paginas brilhantes, e os animos generosos que ficam apoz elle no desterro da vida, e que vão continuando o sempre progressivo e sempre incompleto edificio de idéas e factos, chamado civilização, saúdam este nome, celebram-no, repetem-no, depõem ante elle todos es-

ses pobres tributos de gloria, que o presente paga pontualmente ao passado para o haver do futuro. O homem distincto, no termo da sua carreira, levando á terra o pó que recebeu da terra para se encorporar no immenso vulto do universo, e a alma á eternidade para que a abrigue no seio da intelligencia suprema, sabe que deixa uma palavra, um eccho em meio da sociedade e da vida, e que este perpetuo soar de um nome é repercutido perenne pelo agradecimento, pela admiração, e até pela saudade dos seus naturaes, e ás vezes do genero humano. E esta é a sua recompensa completa: foi esse fumo da gloria a sua causa final: n'esse pensamento, phantastico, e por isso continuo e duradouro, está a explicação do seu padecer e soffrer, e lutar e perseverar nos designios e obras da vida inteira. Elle poz na balança do alvedrio d'um lado a reputação, do outro tudo o que custa a gloria, e achou que esta era de mór valia. Porventura o calculo foi errado, ou foi em si mesmo um erro. Que importa? — O que o fez julga-se recompensado, morrendo na esperança da immortalidade.

A imprensa é hoje entre os meios de cumprir essa especie de contracto do individuo com a sociedade, e da geração que passa com as que hão-de vir, o principal, ou antes quasi o unico. Estendendo a sua magistratura sobre todas as fórmulas de existir em que se revela o homem extraordinario, e mais robusta que a pyramide de Chéops, sempre em pé no meio dos outros monumentos que os seculos derribam ou consomem, a imprensa póde dizer: — só eu sei o segredo de perpetuar a gloria.

Todavia, como as moles de pedra dos Pharaós esse foco dos raios mais brilhantes e puros da intelligencia, não transmite passivamente a mensagem dirigida á posteridade. É ella — a imprensa — quem julga, e quem formúla o julgamento; ella, rainha do mundo, porque o é das opiniões. Distribuidora do renome, muitas vezes o refusa ao que mais a teve em mira, e concede-o áquelle que actuando energicamente na sociedade ou nos entendimentos — nos factos ou nas idéas, parecia menos-cabar os vindouros, e viver só para o presente.

E porque? Porque nos seus juizos a imprensa afere os homens que foram, por dois typos capitaes e exclusivos — o genio, ou a virtude: sem isto, a severa dominadora das gentes não tem coróas para lançar sobre os tumulos; mas só, para os cobrir, o amplo e espesso manto do esquecimento, quando não ata a elles a triste celebridade das maldições e injurias.

Mas sendo a virtude ou o genio, isto é a força moral ou a intellectual, a regra para avaliar os homens, a imprensa, se commummente não é injusta nas suas decisões derradeiras, é nellas incontestavelmente incompleta.

Incompleta, porque não regista senão as lembranças daquelles que viveram para o mundo; que imprimiram na sociedade a sua energia individual, e que ainda nas vaidades da existencia recolheram parte do premio que lhes assegurava o futuro.

Com tudo ha uma virtude modesta, tranquilla, e silenciosa, filha do christianismo e só delle — que passa na terra desconhecida das turbas; que não deixa vestigios nas tradições humanas, e a que a imprensa devia tirar da obscuridade a que ella mesma se condemna; porque é a mais energica, a mais pura, a mais sublime de todas as que exclusivamente pertencem ao homem do Evangelho, ao homem dos tempos modernos.

Esta virtude é a da **ABNEGAÇÃO**.

Será nos nossos dias, e no sepulchro de um compatriota nosso, sobre cujos restos ainda está revolta a terra que os cobriu, onde iremos buscar um dos mais formosos exemplos desse esforço moral, quasi incrível, que sacrifica á honestidade e á consciencia todas as ambições e esperanças, sem procurar sequer que a posteridade diga — aquelle foi um homem honesto. — E ainda mal para nós que nesta escolha cumprimos tambem um dever de gratidão, e de sincera amizade.

Fallámos do Sr. Luiz Duprat, um dos ornamentos do foro portuguez, fallecido pouco ha, com geral sentimento dos seus numerosos amigos, e que nenhum sorriso d'odio acompanhou á morada do ultimo repouso, porque a bondade do seu coração lhe conciliava o affecto de todos os homens probos, e a severidade do seu procedimento obrigava os máus á veneração, e constringia-os ao silencio.

Hoje que, infelizmente, no vigor da idade, elle trocou o desterro das provas pela patria das recompensas, é até certo ponto um lenitivo para a nossa magoa o ter de recordar a sua memoria para nos servir de argumento ao que intentámos provar — que a abnegação recusando a gloria, é a virtude mais digna de ser offerecida como modelo e exemplo aos olhos da posteridade. Por dois modos é para nós uma obrigação o faze-lo.

O Panorama deve em grande parte a sua existencia ao Sr. Duprat; porque foi elle um dos fundadores mais influentes e activos da Sociedade que dirige a publicação deste jornal. Com a profunda intelligencia e com o amor do bem publico que o adornavam, conhecêra aquelle cidadão virtuoso o proveito que a illustração e moralidade podia tirar de semelhante empreza. Esperava della resultasse beneficio aos seus naturaes; e com a tenacidade no bem, que era a qualidade mais eminente do seu character, trabalhou incansavel para ver realisado um pensamento que não o fôra seu, mas a que elle de coração se associára. O resultado coroou suas diligencias, e a sociedade mostrou-se-lhe grata. Até o fim dos seus dias o Sr. Duprat foi o vice-presidente escolhido constantemente por ella.

Seremos nós, portanto, agradecidos tambem; mas se-lo-hemos, sem merito da nossa parte. Obrigados a buscar na vida de um homem a demonstração da idéa de moralidade e justiça que nos occorrêra — a de recommendar a mais modesta e mais bella das virtudes á estimação e respeito dos homens, nenhum typo encontrámos que melhor satisfizesse todas as condições do nosso pensamento, que melhor resumisse tudo o que ha grandioso na abnegação, do que as phases principaes da vida do Sr. Duprat.

E será esta uma biographia composta de datas, e dos successos communs de existencia ordinaria? Não, porque em alvo differente pozémos nós a mira. Reconhecemo-nos incompetentes e inhabeis para alevantar as balizas da estrada que seguiu aquelle que hoje é cadaver. Não são os factos da sua vida, mas a significação moral e intima delles que precisamos de avaliar: é isto o que importa ao nosso intento; é talvez ahí que se ha-de buscar o titulo da sua gloria — da gloria como a deve entender a civilização e este seculo, que estampa a ignominia na fronte dos Domingos de Gusmão e dos Gregorios setimos, e sauda os nomes dos Fenelons, dos Carlos Borromeus e dos Caetanos Brandões, sem curar como pensaram delles os homens que os viram morrer.

Nascido nesta classe que as circumstancias da presente epocha fizeram a mais forte de todas — a classe media; dotado de alta energia e de robustissima intelligencia, o Sr. Duprat se destinára em verdes annos á vida do commercio. A educação que recebêra propria para este genero de vida, foi, porém, a causa de a abandonar. No Brasil, aonde passára mui moço, o ministro de Dinamarca, Borgo de Primo, o fez como seu secretario particular, por haver encontrado nelle, alem de todos os dotes moraes e intellectuaes, necessarios para o bom desempenho daquelle mister, o que era raro e de estimar nos seus poucos annos, um conhecimento profundo das duas linguas franceza e ingleza, que o Sr. Duprat fallava no extremo da perfeição. Se os serviços feitos por elle naquella Legação foram valiosos; se a sua aptidão para ter parte em materias diplomaticas se demonstrou, e se finalmente a sua probidade sahíu illesa de uma situação arriscada como é a de secretario particular de um embaixador, cousas são que basta um facto para as fazer sentir. Não só o ministro, que servira, trabalhou com affinco para fazer entrar o Sr. Duprat, de quem se tornára intimo amigo, na carreira da diplomacia portugueza, mas tambem o nosso governo entendeu que devia porventura ir alem dos desejos de Borgo de Primo; nomeando-o logo secretario da Legação dos Estados-Unidos, para a qual, por sua importancia, fôra escolhido o Sr. Silvestre Pinheiro, sugeito, cuja reputação começava a ser já na patria o que dentro de alguns annos tinha de ser na Europa — uma reputação gigante.

Mas então chegára para Portugal uma nova era: era que só os vindouros, talvez, podem desassombradamente julgar. A velha monarchia absoluta de D. João 2.^o tinha cumprido os seus destinos sociaes: devia ceder o logar á monarchia mixta que tinha e tem a preencher uma grave missão de progresso. Em 1820 as idéas, que havia muito iam devorando as entranhas da sociedade antiga, revelaram-se n'um facto: este facto representava o futuro: era o primeiro pensamento de uma serie immensa de illações; e estas illações resumiam todos os desejos e esperanças dos homens, que amavam de coração o seu paiz natal. Se uma logica má não aproveitou como cumpria um postulado verdadeiro e fecundo, questão é que não vem ao nosso intento, e que viesse, nem este logar nem a natureza deste jornal nos consentira o tracta-la.

Aquelle acontecimento estrondoso encontrou o Sr. Duprat nessa tão curta e passageira epocha da vida em que o entendimento dos homens de superior esfera já tem adquirido os habitos do grave e profundo cogitar, ao mesmo tempo que ainda o seu coração conserva as crenças vivas, as paixões ardentes e as illusões risonhas da primeira juventude. É a epocha das grandes ousadias, do entusiasmo, das exaggerações, de tudo quanto ha poetico, sublime e terrivel nas almas fortes e generosas. Lançai uma destas almas de fogo no meio de geração que se agite em volta de algum desses insondaveis pensamentos de transição, que de seculos a seculos renovam a indole e o aspecto das grandes familias humanas chamadas nações, e dar-vos-hemos os desvarios, os erros fataes, as intolerancias violentas, se quizerdes; mas tambem as virtudes mais desinteressadas, mais nobres, mais bellas, as concepções mais energicas, mais uteis, mais prolificas. Aquelle que se gaba de haver passado atravez des-

sas convulsões espantosas dos povos, os annos que decorrem dos dezoito aos vinte e cinco, alheio ás luctas das idéas, e espectador indifferente de um duelo, que sempre é de morte, entre o passado e o futuro: — esse tal lastimai-o! Mal sabe o desgraçado que se gloria de ter desmentido a grandeza moral e intellectual do ser humano; que se gloria da estupidez e da mediocridade. Os seus destinos foram nascer, vegetar, e morrer: foram os destinos da pura animalidade.

O Sr. Duprat abraçou as doutrinas que preexistiam á revolução, mas que ella convertêra em facto material, e abraçou-as com sinceridade e amor: mediu-as pelos seus resultados naturaes. Era um proceder grande e honesto, tanto como o fóra se houvera seguido as contrarias com a mesma pureza d'intenções, com o mesmo fervor de crença. Nas opiniões politicas só é deshonrosa a indifferença: porque é vil e covarde; só é abominavel o calcular o proveito que se póde tirar das desgraças publicas, porque ahi ha um egoismo atroz. A vida, porem, inteira do Sr. Duprat provou que elle não comprehendêra jámais o que é ser egoista e covarde.

Ninguem ignora que os acontecimentos de 1820 e os que se lhes seguiram foram o preludio doloroso de mais de vinte annos de dissensões intestinas. Nellas temos sido todos sacrificadores ou victimas: quasi todos uma e outra cousa. Podéramos nós, emfim, perdoar uns aos outros sobre as cinzas dos martyres com que mutuamente havemos enriquecido o larario de todos os bandos politicos! Essas dissensões, logo no começo tempestuosas, arrojaram para a Europa o Sr. Duprat, que na idade de 22 annos aportou á terra que lhe dera o berço — a Lisboa — onde nascêra em 1801.

O futuro devia antolhar-se-lhe então brilhante em Portugal — Portugal dizemos, porque o Brasil deixava de ser uma provincia nossa. Os talentos — o vigor da idade — uma carreira de honras e esplendor começada na primeira juventude e em cargo por onde muitos a acabam na derradeira velhice — protegido efficazmente no paço por um valido do monarcha, e conhecido no mundo politico, onde se preparava a grande lide dos principios, como um dos caracteres mais energicos, e severos, todos os sonhos daquella aurora esplendida de vida publica deviam ser dourados para o Sr. Duprat. No seu coração ardente tumultuavam forçosamente a ambição e a sêde da gloria, ao passo que, por certo, a consciencia lhe dizia que as suas esperanças eram legitimas, e a rasão que eram fundadas. Em qualquer dos dois campos de oppositas doutrinas elle podia buscar uma situação distincta, e por esta em breves annos chegar á opulencia e ao poder: n'um delles, ainda tão moço, seria recebido como veterano experimentado; os padecimentos e riscos a que se expozera pelas opiniões progressivas davam-lhe esse direito: no outro, talvez menos rico de capacidades, a sua accessão seria de grande vulto. Eis o lisongeiro aspecto que se lhe offercia para satisfazer as paixões mais cegas e violentas do coração humano, e muito mais violentas e cegas naquella que sabe o que póde e vale.

Foi neste momento que o Sr. Duprat — o mancebo de vinte e dois annos — resolveu votar-se ao estudo, não para obter pelas lettras, com tempo e com custo, a gloria e a preeminencia publica, que tão faceis se lhe offerciam na vida politica, mas para seguir modestamente a carreira comparativamen-

te obscura de um simples cidadão; para ser modelo do bom pae de familias, do homem social como o Christianismo e a civilisação o requerem. Dir-se-hia que prevendo a dissolução de costumes, que as procellas civis haviam de gerar, previra tambem que dentro de vinte annos seria maior e mais rara a grandeza moral da probidade singela, que a da energia politica, ou a do engenho extraordinario e da vastidão da sciencia. Aquella alma pura abnegou de paixões e esperanças; porque viu que a abnegação era a primeira virtude nesta epocha essencialmente affeiçãoada por egoismo hediondo, por orgulho insensato, e por desmedida cubiça.

Mudanças ha destas que, bem longe de serem maravilhosas, não revelam naquelles em que se operam senão o desalento ante as difficuldades da ambição. Refogem essas almas do aspecto do futuro; porque as aterra o preço de trabalhos, perigos, e agonias por que se costuma comprar a celebridade. Semelhantes espiritos ou se enganavam ácerca dos seus destinos, ou sentiram que as suas forças não eram eguaes a estes. Das circumstancias, porem, que notámos na juventude do Sr. Duprat, e do que elle foi depois na sociedade civil, se vê, que as causas do novo theor de vida que seguiu, foram alheias — contrarias até — a todas as considerações externas; e unicamente nascidas das nobres inspirações da propria consciencia.

Só a consciencia; só este senso intimo e mysterioso, que nos caracteres robustos é como um raio de luz divina, porque sem violencia impera absoluto, e sem raciocinios subjuga o entendimento; que trahe mil vezes o criminoso, e outras tantas salva de si mesmo o homem honesto; só este verbo interior, que deu á philosophia um Socrates, e ao Christianismo milhões de martyres, póde produzir a verdadeira abnegação; porque esta não existe onde não ha lucta entre o que se crê ou um dever ou uma acção sublime, e os grandes interesses materiaes ou as paixões mais indomaveis e ardentes.

Essa revolução completa, não tanto nos habitos exteriores, como nas crenças, nas esperanças, nos desejos; esse abandonar, não tanto a realidade, como o que vale mais do que ella, a ventura e gloria sonhada no porvir, postoque voluntario, é um combate semelhante ao de Jacob e do anjo, entre um pensamento de Deus e os affectos do mundo. Vertem-se ahi sangue e lagrymas; porque os verte o coração onde se pelejou essa terrivel batalha. Quando porem o espirito do Senhor triumphou, não tarda a descer do céu o balsamo das consolações.

Esta victoria de uma idéa pura e santa custou por certo ao Sr. Duprat o que ellas custam na sua idade, e nas suas circumstancias. Mas não foi só isso. Olhando em roda de si, buscou uma profissão accommodada para viver em decente mediania, e em que podesse vir a ser util a si, aos seus, e á sociedade. Qual mais formosa que a de advogado? Ahi havia o salvar innocentes; o remir de miseria muitas familias; o prestar ao fraco a força da intelligencia e da sciencia contra o poderoso; o amparar a viuva, o orphão, e o desvalido; o levar o brado severo da justiça aos ouvidos da iniquidade. Era a profissão mais adequada á rectidão das suas intenções, ás tendencias do seu espirito, malsoffrido contra todo o genero de corrupções e tyrannias. Escolheu-a pois. Passados dez ou doze annos o Sr. Duprat era um dos mais distinctos advogados da córte.

Costumam os homens celebrar a memoria do famoso capitão, que principiando a sua carreira por simples soldado, e arriscando a vida em cem batalhas, se habituou a affrontar a morte, e assim chegou a empunhar o bastão do mando, e talvez o sceptro de rei. Como se isto não bastára, a historia transmite-lhe o nome á posteridade para exemplo de vontade robusta, e de esforço indomavel. E todavia que fez elle? Colligiu cem vezes em vinte annos toda a energia, toda a intelligencia que possuia; em vinte annos cem vezes subjugou os terrores do sepulchro, para no fim cingir uma corôa, e escrever o seu nome para a perpetuidade nos annos do genero-humano. Depois repousou. Alguma vez, á porta de seus paços esplêndidos, mendigo coberto de cicatrizes e de farrapos viria aquecer-se aos raios do sol, que o pai celeste envia ao poderoso e ao humilde. Quem sabe se era veterano obscuro que vertêra o seu sangue nas cem batalhas do homem illustre? Quem sabe se entre um e outro havia tão sómente o que chamâmos fortuna, e que a philosophia e o christianismo chamam providencia de Deus? Talvez esse nome, que não morrerá, significasse apenas o cumprimento de um decreto de cima. E todavia a sua herança, alem do sepulchro, é a immortalidade!

○ Não assim a abnegação.

○ Vêde o nosso mancebo. A mediania converteu-se em alvo de todos os seus intentos. Lá não ha corôas nem gloria: no termo da vida não se enxerga sobre o féretro, mais que lagrimas de poucos e leaes amigos, e daquelles que a gratidão alli convoca. Para ella a campa não tem eccho: porque, em poucos annos, os que choram o extincto terão passado tambem. Depois a herança deste na terra será apenas uma — o silencio profundo do esquecimento.

Mas no leito da morte ha o esperar do christão: alem do sepulchro as récompensas de Deus.

○ É o premio da abnegação. Sem o christianismo a mais formosa das virtudes fôra monstruosidade impossivel. É preciso crêr na philosophia do Evangelho para comprehender como a intelligencia eminente recusa as grandezas, o orgulho, e o pobre renome humano, para se abraçar com ella.

E as mais das vezes a cruz é pesada: — coberta d'espinhos, longa e ingreme a senda que leva ao Gólgotha.

○ Onerosa foi aquella, rude e dilatada esta para o Sr. Duprat. Na profissão que escolhêra cumpria-lhe começar pelos chamados rudimentos das lettras. Essa mente altiva, habituada ao meditar; essa razão que se alimentava de graves cogitações sobre a sociedade, e sobre si proprio, vergou-se a estudar as palavras de uma lingua morta, e passou pelas forcas caudinas das puerilidades dos rhetoricos. Aquelle que na voz da consciencia tinha a prôva da immortalidade do espirito, pacientemente ouviu o bom de um professor provar-lha com raciocinios; e o homem da abnegação decorou sem sorrir as regras d'Heineccio para ser virtuoso. Vencidas estas difficuldades, que talvez para o genio são mais arduas que para a mediocridade, o Sr. Duprat enctou e concluiu o seu curso juridico.

Entretanto os odios politicos, accumulados por largos dias, tinham rebentado como procellas encontradas sobre a terra da patria. Desde as saudades do desterro até o estorcer no patibulo; desde os amplos fratricidios das pelejas civis, onde os ais e queixumes dos feridos e moribundos soavam n'uma só linguagem, até a punhalada traiçoeira de

vingança implacavel; desde as epidemias mortíferas até os trances insoffríveis da fome, Deus derramou sobre nossas cabeças, durante seis annos, todas as dôres e agonias contidas nos thesouros da sua colera. Quando, emfim, respirámos um dia; ou, mais exactamente, quando o partido que primeiro começára a padecer pôde assentar-se, vencedor mutilado, junto ao cadaver de seu adversario, a repousar sobre um montão de ruinas — a sociedade antiga desaparecera debaixo destas, e os elementos não só de força mas d'existencia da velha monarchia, como a definira o seculo 16.º, haviam perecido. No logar della estavam apenas o pensamento da sociedade moderna, os gladiadores arquejando na arena, e o paiz devastado. Era uma epocha a ponto para despertar todas as ambições — mais que nenhuma, as nobres e generosas. Derribadas as tradições hierarchicas, o poder era uma conquista; o genio e a energia as armas para o disputar. Busca-lo nessas circumstâncias, e com intenções puras, fôra grande e forte; porque as magistraturas politicas debaixo das condições d'honestidade não seriam um legado precioso para a cubiça, mas um variado martyrio para o amor da patria.

Concebida assim, a ambição, depois de terminada a guerra civil em 1834, podia ser uma virtude havendo, como então havia no Sr. Duprat, a consciencia da superioridade intellectual, de profundo saber adquirido por largos estudos, e de uma severidade de principios moraes longamente provada. Por certo, grandes combates interiores teve elle de vencer contra si mesmo naquella epocha de esperanças: mas o pensamento, que o guiára e salvára no meio dos cataclysmos politicos, a sua tão querida e buscada mediania — esse viver exclusivo para os santos affectos de familia, para ser amado pelos beneficios feitos sem ruido, e acatado pela integridade e pureza dos costumes publicos e domesticos — começava a realizar-se; e ainda mais uma vez a abnegação triumphou. O homem eloquente, cogitador, e illustrado, sabendo que as portas do parlamento se lhe abririam de par em par quando o quizesse; sabendo que desde esse ponto o caminho do poder lhe era facil; esqueceu-se disso tudo para cumprir os destinos que, por assim dizer, elle para si proprio creára.

○ Oito annos exercitou o Sr. Duprat o mister d'avogado: oito annos viveu em Lisboa no meio dos seus concidadãos, que o conheceram e julgaram. Á immensa energia da sua alma não bastou uma vida laboriosissima repartida nas occupações do foro, na actividade com que se dedicava ao estabelecimento de associações uteis, nas fadigas a que não sabia esquivar-se onde quer que havia a derramar beneficios, a enxugar lagrimas, a confortar desalentos, a consolar amarguras. Essa energia não achando ainda em tudo isto o necessario alimento, devorou-lhe rapidamente a existencia, que organização robusta lhe promettia bem larga. Este homem tão austero comsigo como indulgente com os outros, e que nascêra para padecer e soffrer; para lutar tenazmente com as paixões e com a dôr, cumpriu até o fim a sua missão providencial, sem ter gozado de tudo o que na vida é suave e aprazivel se não os sentimentos affectuosos de esposo e de pae, e as santas alegrias que traz apoz si a certeza de haver muitas vezes sacrificado o repouso, a paz intima, e a fortuna, ao proteger e salvar desgraçados, ao cumprir rigorosamente os deveres civis, e ao favorecer todas as tentativas de verdadeiro e so-

lido progresso. Deus coroou o seu obscuro e intimo martyrio, a sua abnegação sublime, com uma afflictiva enfermidade, que aos olhos dos outros parecia incomportavel, e que aos seus apenas significava mais alguns dias de prova e de resignação.

E elle expirou tranquillo. Deixava na terra seu velho pae, uma esposa, e seis filhinhos, dos quaes era unico arrimo. Como pois lhe estava socegado, não o coração, onde tinha a sua séde a morte, mas o espirito? Era que nessa hora suprema sentia que ou tudo quanto elle creu, tudo quanto dezoito seculos tem crido, era escarneo e mentira, ou a providencia não podia esquecer tanta orphandade. Esperou em Deus, porque era um justo: confiou tambem nelle os que choram. Vinte annos de honestidade deram ao moribundo o direito de dizer ao Eterno: — «Sê tu, oh Senhor, o pae dos pobres abandonados!»

*

Que os brilhantes escriptores da historia celebrem os nomes dos que agitaram o mundo; dos que se assentaram victoriosos no campo dos homicidios legaes e collectivos, chamados combates, ou transmudaram a face das sociedades, chegando aos edificios vacillantes das instituições seculares o facho das revoluções. Nós escriptores do povo, humildes como elle, apenas fizemos aqui lembrada a nossos irmãos uma virtude exclusivamente popular, e que os poderosos não podem comprehender, porque seria a negaliva da sua existencia. Esta virtude é a abnegação. No meio dos que ora vivemos, o mais sublime exemplo della foi a vida do Sr. Duprat. Dizemo-lo do fundo da nossa consciencia. Se nos enganamos, erga-se uma só voz que o negue! — Nem entre os seus inimigos — se os tinha — haverá por certo quem se alevanto para nos dizer: — Mentistes.

Fôra difficiloso o prova-lo.

*

Em quanto durou o periodo penoso da doença acudia multidão de pessoas de diferentes classes da sociedade, sollicita a inquirir noticias do enfermo: tão espontaneo testemunho de milhares de concidadãos, em que não havia distincção de bando ou de jerarchia, é manifestação absoluta da valia do homem, por cuja vida todos se interessavam. — Nas crises da molestia, e desde o seu principio, e no seu progresso até o golpe fatal, dois habeis facultativos assistiram ao Sr. Duprat com os soccorros da sciencia e com desvelado zelo; o seu particular amigo, o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes foi tão assiduo, quanto em casos taes pôde sê-lo o homem, o medico, o amigo: o Sr. Barral prestou-se com o mesmo cuidado e efficacia.

NOVOS INVENTOS.

BRULOTE A VAPOR.

A GUERRA parece ter decahido da moda: os costumes lhe são avessos. E entretanto nunca a imaginação dos homens, e o espirito d'invenção tão universalmente espalhado se tem occupado com tanto afincio e com tão vastos resultados nas machinas de guerra, como nesta nossa epocha. O luxo das artes, o progresso das sciencias naturaes nada quer deixar por tentar: a arte e a sciencia de matar gente não tem ficado retrograda. Fortuna será para o

genero humano se estes novos inventos ficarem servindo sómente para ostentação scientifica, consignada na imprensa, e exposta nos museus.

Entre as temerosas machinas de guerra, que ha pouco mais de um anno se estavam preparando em Woolwich na Inglaterra, nenhuma se considerava tão terrivel como a do brulote a vapor, sem exceptuar mesmo o outro chamado *infernal* que cuspiu um esguicho de fogo mais longe do que as bombas hydraulicas de maior força atiram um repucho de agua. Estes brulotes consistem em dois fusos ou grossas bainhas conicas formadas de aduelas fortissimas ou tábuas apertadas com arcos de ferro como se faz aos tonneis. Estas duas azas conicas se prendem aos lados d'uma comprida prancha de pinho longa de 80 a 90 pés. Sobre esta especie de jangada se estabelece um destes velhos barcos de vapor, da força de 6 a 15 cavallos, que se encontram [nos portos d'Inglaterra principalmente] pelo valor da ferragem que ainda contém: na extremidade da prôa um canhão paixhans carregado até á bóca termina o aparelho.

Esta machina é destinada a ser despedida com toda a celeridade de que fôr capaz, durante a noite, contra o flanco dos navios inimigos. A ponta ou aguilhão de ferro do pranchão se encrava no costado do navio, e a força do choque incendia o canhão que abre uma larga brecha ao lume d'agua, põe o fogo á embarcação e a mette irremediavelmente a pique n'um momento.

O que ha de particular nestas machinas é que se por acaso não aferram o objecto pretendido, continuam sua marcha em linha recta em quanto lhe dura o combustivel; e é facil retorna-las a 1 ou 2 leguas de distancia por meio dos barcos a vapor: apanhadas, e reforçadas com novo carvão, se lançam de novo.

Assim que, um cento destes brulotes que não custariam talvez mais de 8 ou 10 mil francos cada um, pôde dar cabo de 100 navios de guerra. O inventor baptisou-a com o nome de *dardo do mar* [javelot de mer], porem os maritimos se obstinam a chamar-lhes *lançadeiras do mar* [navettes de mer] porque são lançadas e tornadas a lançar até que se abalroem com os navios adversos.

— A guerra maritima, diz o jornalista, donde extrahimos o artigo, vai mudar inteiramente de face; o vapor só operará tudo ahi, bem depressa; e o combate terá logar entre machinas. A potencia, que tiver maior numero destas e mais engenhosas, estará segura da preeminencia no mar e na terra, na paz e na guerra. —

J. da C. N. C.

Montanhas submarinas. — Alguns geographos, no começo do presente seculo, suppozeram que por debaixo do mar se dilatam cordilheiras de montes, que não manifestam os extremos cumes acima do nivel das ondas, excepto em desmesuradas alturas, que constituem ilhas escarpadas; em parte desta hypothese concordam com os mais antigos escriptores. A America e a Africa [dizia o celebre Buache] estão ligadas por uma serie de terras muito e muito superiores ás profundezas do abysmo maritimo: as ilhas dos Açores, que encontrámos no Atlantico são pontos culminantes desta cadeia de serras submarinas. — Se a idéa deste A. não fôr absolutamente verdadeira, tem pelo menos grande probabilidade n'uma infinidade de casos e localidades.